

# **SAINDO DOS BASTIDORES DA UNIVERSIDADE: teatro como pesquisa-intervenção e autocuidado coletivo de estudantes indígenas na resistência ao racismo**

**Palavras-Chave:** estudantes indígenas - racismo cotidiano - cuidado e autocuidado

**Autores/as:**

**HELEN SHIRLEY LELIS ANDRADE, IA, UNICAMP**  
**Prof. Dr. RAFAEL AFONSO (orientador), FCM, UNICAMP**

## **INTRODUÇÃO:**

Este trabalho relata a experiência de pesquisa-intervenção desenvolvida no âmbito do projeto “Saberes e práticas que vêm das margens: encontros e desencontros com a atenção e a formação em saúde”, com foco na frente de pesquisa com populações indígenas na Unicamp. A pesquisa teve como objetivo central analisar como estudantes indígenas, em contexto de diáspora universitária, respondem aos desafios do racismo cotidiano por meio da produção de cuidado e autocuidado em redes colaborativas.

A universidade, enquanto espaço majoritariamente branco e colonizado em seus saberes e estruturas, impõe desafios que transcendem o percurso acadêmico, impactando a saúde física e mental do corpo discente indígena, dentre eles, o racismo cotidiano. Conforme teorizado por Grada Kilomba (2019), este manifesta-se em gestos, olhares e perguntas que nos posicionam como “o Outro”, exotizado, invalidado, inferior, a

personificação daquilo com que o sujeito branco não quer ser identificado.

No espaço acadêmico, o racismo cotidiano compreende gestos, discursos, perguntas etc. que se repetem em diferentes lugares e sob diferentes pretextos. Nessa repetição, ele produz um peso e um cansaço que dificulta a permanência e desenvolvimento acadêmico de estudantes indígenas.

Considerando essa dinâmica, a proposta desta pesquisa não foi apenas mapear a violência do racismo cotidiano contra estudantes indígenas, mas, sobretudo, dar visibilidade à potência criativa das nossas respostas. Nesse sentido, buscou investigar, a partir de uma produção cênica do Grupo de Teatro Indígena Pussangar, como a arte cênica pode tornar-se uma ferramenta de elaboração, denúncia e, de maneira mais profunda, de criação de “response-abilities”, de capacidades de responder às adversidades e produzir recursos salutogênicos através de “alianças afetivas” (Krenak, 2022) entre indígenas em território diaspórico.

## METODOLOGIA:

A metodologia desta pesquisa foi plural, envolvendo dinâmicas da **cartografia** – que nos permitiu acompanhar os processos e a produção de subjetividade em vez de buscar resultados por meios conhecidos de antemão – e da **pesquisa-intervenção** – na qual o processo de investigar se confunde com o de interferir e transformar a realidade. Mais concretamente, a perspectiva era desenvolver um percurso de pesquisa como **itinerar-ação**, investigando o racismo cotidiano vivenciado por estudantes indígenas por meio da produção de uma peça teatral sobre esse tema roteirizada e encenada por estudantes indígenas e outras/outras pesquisadoras/es. Como estudante waikhana e membro do Pussangar, participei de uma pesquisa em que a minha própria experiência fazia parte da experiência que eu pretendia investigar. O percurso metodológico desdobrou-se em três etapas interligadas:

### 1. Rodas de Conversa e Entrevistas:

Dentro da frente indígena do Margens & Veredas, realizamos rodas de conversa sobre temas relacionados ao corpo-território, à diáspora, ao racismo e à permanência na universidade. Posteriormente, articulando três pesquisas de iniciação científica, realizamos oito entrevistas com estudantes indígenas de diferentes instituições sobre racismo cotidiano e estratégias de cuidado e permanência na universidade.



Figura 1. Roda de conversa com a psicóloga indígena Rejane Kanhgag- fonte: Autores

2. **Criação do Roteiro e da Peça:** As narrativas e os afetos que emergiram das rodas de conversa e entrevistas foram parte da matéria-prima para a criação coletiva do roteiro da peça **“Entre pedras, pedestais e caminhos”**. Outra parte foram as próprias narrativas e afetos que emergiram no processo de criar uma peça com esse material. Esse processo não foi uma mera tradução de relatos, mas uma transfiguração artística, na qual buscamos sintetizar as experiências em cenas, metáforas e performances que pudessem comunicar a complexidade do que vivenciamos. Mais do que uma produção teatral, esse processo foi um momento de acolhimento recíproco e cuidado entre as/os participantes.



Figura 2. Durante a montagem da intervenção - fonte: Autores

### 3. Intervenção Cênica: A encenação da peça constituiu o ápice da itinerância.



Figura 3. Durante a apresentação - fonte: Autores

O objetivo era devolver à comunidade universitária, de forma sensível e crítica, as questões levantadas. Após as apresentações, realizamos conversas com o público, coletando suas percepções e sentimentos, e fortalecendo o objetivo da pesquisa de não apenas produzir conhecimento, mas de mobilizar e criar diálogo. Todo o processo foi documentado em um diário de campo.



Figura 4. Registro pós apresentação - fonte: Autores



Figura 5. Roda de conversa após a apresentação - fonte: Autores

## RESULTADOS E DISCUSSÃO:

Os resultados desta pesquisa compreendem muitas camadas: o processo de formação da pesquisadora com outras/os pesquisadoras/es, o processo de investigação-criação coletiva da peça, a peça como processo de circulação e produção de conhecimentos e afetos.

“Entre pedras, pedestais e caminhos” sintetiza a nossa jornada. O título evoca as pedras, as microagressões e violências simbólicas que são colocadas em nossas mochilas diariamente, pesando em nossos corpos e mentes; os pedestais falam da relação distanciada e artificial entre a universidade e a vida, entre o conhecimento e “os outros” colocados no lugar de objeto de investigação; e os caminhos remetem às estratégias de resistência, aos laços de afeto e às redes de autocuidado que construímos para seguir em frente.



Figura 6. Lili Baniwa fala sobre o Pussangar na roda de conversa pós-intervenção - fonte: Autores

A dramaturgia, construída a partir de nossas vivências, expôs o racismo cotidiano em suas formas mais sutis e dolorosas: as perguntas inconvenientes (“Vocês têm celular na tribo?”); a invalidação de nossas identidade (“Você não parece indígena”), a desvalorização de nossos saberes; a deslegitimação de nosso lugar na universidade (“Você não tem capacidade para estar aqui”; “São um ônus para a universidade”) etc. A cena em que pedras são literalmente colocadas na mochila de uma estudante por atrizes e atores recrutados na plateia e convidados a dizer frases de desqualificação que as/os estudantes indígenas costumam ouvir materializou o processo de produção da Burnout racial.

Contudo, o resultado mais significativo foi a constatação do próprio processo como uma potente estratégia de autocuidado. As rodas de conversa e os ensaios se tornaram um espaço de aldeamento, de constituição de uma rede de proteção, afeto e cuidado em que a escuta e o acolhimento nos permitiram transformar a dor individual em força coletiva, sair do silenciamento para a ação. Ao nos recusarmos a buscar um "lugar ideal" dentro de uma

estrutura que nos rejeita, decidimos criar e demarcar nosso próprio lugar, como afirma o manifesto final da peça.

Esse processo tensiona os próprios procedimentos acadêmicos. Se por um lado utilizamos referenciais teóricos para alimentar nossa imaginação conceitual, não buscamos com eles validar nossas próprias experiências. Pelo contrário, reivindicamos para nossas experiências dignidade epistemológica e afirmamos que o diálogo e a criação coletiva como dispositivo de validação das reivindicações de conhecimento. O processo de pesquisa nos mostrou que a oralidade, a performance e a coletividade são formas legítimas e poderosas de produzir conhecimento, desafiando a monocultura do saber eurocêntrico que ainda impera na universidade.

## CONCLUSÕES:

Este relato de experiência demonstra que o teatro pode ser uma poderosa ferramenta de pesquisa-intervenção no contexto universitário. A jornada de criação da peça “Entre pedras, pedestais e caminhos” permitiu não apenas investigar e denunciar o racismo cotidiano enfrentado por estudantes indígenas, mas também, e principalmente, construir ativamente estratégias de autocuidado e redes de apoio.

A experiência revelou que, diante de uma instituição que muitas vezes se mostra ausente e hostil, a criação de espaços de escuta e elaboração coletiva é fundamental para nossa permanência e bem-estar. O processo artístico

se tornou um fim em si mesmo: uma forma de "fazer parentes", de fortalecer nossas identidades e de afirmar que nossos saberes e nossas vidas importam. Concluímos que a luta contra o racismo estrutural na universidade passa necessariamente pela criação e demarcação desses espaços de re-existência, onde podemos não apenas aprender, mas também ensinar, transformando a universidade em um lugar que seja, de fato, nosso também.

## **BIBLIOGRAFIA**

KILOMBA, Grada. **Memórias da Plantação: Episódios de Racismo Cotidiano**. Lisboa: Orfeu Negro, 2019.

KRENAK, Ailton. **Futuro Ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras, 2022.